

**O ser-mãe experienciado durante o processo de graduação  
à luz da teoria humanística**

Experienced parenting during graduation  
in light of humanistic theory

Bruna Moraes<sup>1</sup>

Caroline Stephanie Bastos Alves<sup>2</sup>

Vanessa Martinhago Borges Fernandes<sup>3</sup>

---

1 Discente do Curso de Graduação em Enfermagem. Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Campus Pedra Branca – Palhoça (SC) Brasil. E-mail: brunamres@gmail.com.

2 Discente do Curso de Graduação em Enfermagem. Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Campus Pedra Branca – Palhoça (SC) Brasil. E-mail: carolbastos.enfermagem@gmail.com 3 Enfermeira. Mestre em Enfermagem.

3 Docente do Curso de Graduação em Enfermagem. Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Campus Pedra Branca – Palhoça (SC) Brasil. E-mail: vambfernandes@gmail.com

**BRUNA MORAES**  
**CAROLINE STEPHANIE BASTOS ALVES**

**O ser-mãe experienciado durante o processo de graduação  
à luz da teoria humanística**

Este trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem e aprovado em sua forma final pelo Curso de Enfermagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 01 de dezembro de 2019.

---

Prof. MSc. Vanessa Martinhago Borges Fernandes  
Orientadora Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof. MSc. Sergio Luiz Sanceverino  
Banca Examinadora Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof. Dra. Ilse Lisiane Viertel Vieira  
Banca Examinadora Universidade do Sul de Santa Catarina

## **RESUMO**

A mulher passou a ocupar um espaço dentro das instituições de ensino e para conciliar a vida estudantil no período de maternidade foi necessário conservar a saúde física e mental da mulher, para que esse processo consista em um momento prazeroso, que visará o seu desenvolvimento pessoal, profissional e familiar. Objetivo: Desvelar, a luz do pensamento humanístico de Martin Heidegger, a experiência do ser-mãe durante o processo de graduação em uma Universidade do Sul do Brasil. Método: Estudo qualitativo do tipo fenomenológico. Participaram dezesseis graduandas mulheres que experienciaram/experenciam a maternidade desde a gravidez até dois anos de idade do filho, da Universidade do Sul de Santa Catarina. A coleta de dados foi através de entrevista aberta e a análise dos dados realizada pela ótica humanística. Resultados: evidenciou três percepções-catóricas: “O fenômeno numa visão ontológica de como se dá o apoio e o (des)apoio do ser-mãe dos entes ao encontro do mundo”; “Percepção pura e penetrante do ente numa indiferença uniforme dos sentimentos do ser-mãe que se tornou consciente do mundo”; e, “O desvelar governado e determinado pelo sentido do ser-mãe pelo seu ser da perspectiva hermenêutica em sua historicidade das fases da maternidade”. Conclusão: Trouxe à reflexão a necessidade da adoção de políticas organizacionais para a implantação de dispositivos de apoio estrutural e de redes de apoio dentro e fora da Universidade que favoreçam todos os períodos da maternidade e ampare o ser-mãe até a conclusão da graduação.

**Descritores:** Graduação. Maternidade. Hermenêutica.

## **ABSTRACT**

The woman began to occupy a space within the educational institutions and to reconcile the student life in the maternity period it was necessary to preserve the physical and mental health of the woman, so that this process consists in a pleasant moment, which will aim at her personal development, professional and family. Objective: To unveil, in the light of Martin Heidegger's humanistic thinking, the experience of being a mother during the undergraduate process at a University of Southern Brazil. Method: Qualitative study of the phenomenological type. Sixteen female undergraduates participated who experienced / experience motherhood from pregnancy to two years of age, from the University of Southern Santa Catarina. Data collection was through open interview and data analysis performed by humanistic perspective. Results: evidenced three categorical perceptions: "The phenomenon in an ontological view of how the support and (dis) support of the mother being of the beings to meet the world"; "Pure and penetrating perception of the being in a uniform indifference of the feelings of the mother-being who became aware of the world"; and, "The unveiling governed and determined by the sense of the mother being by its being from the hermeneutic perspective in its historicity of the phases of motherhood." Conclusion: It brought to consideration the need to adopt organizational policies for the implementation of structural support devices and support networks inside and outside the University that favor all periods of motherhood and support the mother until graduation.

**Keywords:** Graduation. Maternity. Hermeneutics.

## INTRODUÇÃO

A maternidade, representando o ser-mãe, ao longo do tempo sofreu muitas mudanças, aos homens cabia o sustento da casa, à mulher, os cuidados da família. Porém, esses cuidados não se restringiam somente às necessidades básicas da criança, mas também a uma disponibilidade psíquica, a qual passa a ser denominada maternagem. A mulher então passou a desenvolver o papel de formadora desse indivíduo (SCAVONE, 2001; WINNICOTT, 2000).

Entre os séculos XVII e XIX inicia-se uma transformação na imagem da mulher como mãe, por definições médicas, em 1760, foi estabelecida a amamentação como dever da mãe. A maternagem passa a ser extremamente valorizada e os cuidados relativos a essa atividade passam a ser exclusivos da mãe, adquirindo o papel de cuidar e amamentar os filhos. O desenvolvimento da nova função culmina na rápida associação entre mulheres, maternidade e maternagem (BADINTER, 1985; CORREIA, 1998; GRADVOHL, 2013).

Nos últimos tempos a mulher passou a ocupar um espaço dentro das instituições de ensino. Para conciliar uma vida estudantil no período da maternidade é necessário conservar a saúde física e mental da mulher, a fim de que esse processo consista em um momento prazeroso que contribua para o seu desenvolvimento pessoal, profissional e familiar (REUSCH; SCHWINN, 2015).

Segundo Figueiredo e Salles (2017) quando a mulher engravida durante o período universitário, perspectivas são geradas e vários são os desafios a serem enfrentados, e justamente por ser um fenômeno marcante em si, a gravidez tem sido responsável por grande parte da evasão escolar de mães graduandas. O abandono do estudo, geralmente ocorre por acreditarem que podem adiar essa conquista em prol da maternidade. Outras, entretanto, conciliam e sentem dificuldades em desempenhar mais de uma função.

Nesse contexto, maternidade e vida acadêmica, as perceptíveis dificuldades quanto a rede de apoio para o retorno às aulas, as repercussões do afastamento prolongado de seus bebês, as intercorrências com o neonato, o esforço para manter a amamentação, a estrutura e flexibilidade institucional e outros obstáculos interferem de maneira significativa no desenvolvimento acadêmico desencadeando em alguns casos, a descontinuidade dos estudos (ROSA et al., 2018).

De acordo com a Lei nº 6.202, que entrou em vigor a partir de sua publicação em 17 de abril de 1975, pelo Decreto-lei nº 1.044/69, as universitárias possuem o direito ao chamado regime domiciliar onde a partir do oitavo mês de gestação, durante três meses, podem compensar a ausência nas aulas com trabalhos realizados em casa. O que determina o início e o fim desse regime é o atestado médico apresentado pela aluna na direção da instituição de Ensino (BRASIL, 1975).

A Organização Mundial da Saúde (OMS), recomenda o aleitamento materno exclusivo até a criança completar seis meses de idade, devendo continuar amamentando após este período – bem como iniciar uma alimentação adequada e nutritiva até dois anos de idade ou mais (OMS/OPAS, 2018). Segundo a OMS, as mulheres que amamentam têm um risco reduzido de câncer de mama e no ovário e o aumento das taxas de aleitamento materno reduziria significativamente os custos das famílias e dos governos no tratamento de enfermidade infantis. O sucesso na amamentação não é responsabilidade exclusiva da mãe, promover o aleitamento materno é dever de todos: comunidades, empregadores, famílias, governos e profissionais de saúde, sendo assim, a consecução do papel maternal ocorre no momento imediato do microssistema (OMS/OPAS, 2017).

Do mesmo modo, a Portaria 604, de 10 de maio de 2017 assinada pelo Ministro da Educação, decreta que toda mãe lactante tem o direito à amamentação assegurado em todas as instituições do sistema federal de ensino, independentemente da existência de locais, equipamentos ou instalações reservadas para este fim (BRASIL, 2017).

Por isso, é necessário que a mãe se sinta apoiada e possa contar com suporte social, principalmente da família e de amigos que contribuam no desenvolvimento universitário. O contexto acadêmico é especialmente propulsor do desenvolvimento da estudante quando proporciona interações sociais favoráveis a esse crescimento, à partilha de pensamentos e sentimentos e esse conjunto de experiências significativas traz um melhor desenvolvimento para a mãe (MALHOTRA et al., 2002).

Para compreender a experiência do ser-mãe, nos espelhamos em Martin Heidegger, um filósofo alemão, que teve sua preocupação voltada a uma reflexão da existência, para esclarecer o verdadeiro sentido do ser. Heidegger afirma que o ser não pode ser definido só determinado a partir de seu próprio sentido. A fenomenologia hermenêutica heideggeriana direciona o seu olhar na tentativa de descrever os fenômenos que apresentam o ser de maneira reflexiva (NUNES, 2002).

Essa corrente filosófica é a própria ciência dos fenômenos que se analisa através do relato de tal experiência que se deu por meio da análise compreensiva baseada na fenomenologia de Martin Heidegger (SEIBT, 2018). A fenomenologia busca desvelar o fenômeno na perspectiva hermenêutica a partir da pré-compreensão, descrição e compreensão e interpretação do fenômeno, buscando formas de traduzi-lo, compreendendo um pensamento descrito por meio de linguagem por alguém que experienciou um determinado fenômeno e que deve descrever a situação (HEIDEGGER, 2008).

À luz da abordagem fenomenológica heideggeriana, o presente estudo buscou aprofundar conhecimentos com olhar humanizado voltado ao processo de maternidade. Através de suas contribuições, a partir dos resultados e reflexões com base teórico-filosóficas, fortalecerá e contribuirá nas condutas das Instituições de Ensino, subsidiando ações de promoção, proteção e apoio da maternidade que atendam às necessidades das mães graduandas.

A partir desses propostos o estudo teve como objetivo “Desvelar, a luz do pensamento humanístico de Martin Heidegger, a experiência do ser-mãe durante o processo de graduação em uma Universidade do Sul do Brasil”.

## **MÉTOD**

O presente estudo tratou-se de uma pesquisa de natureza qualitativa do tipo fenomenológica. Foi realizado na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Campus Pedra Branca, Palhoça-SC.

A coleta de dados se deu por meio da entrevista com questões abertas, conforme roteiro, de forma individual. O local foi de livre escolha da participante, devido ser um estudo fenomenológico, onde ela se sentia confortável, segura e a vontade, como por exemplo, uma sala de aula ou um pátio. O período de coleta de dados foi de março a novembro de 2019. Foram realizadas dezesseis entrevistas, dos quais tiveram o tempo entre 30 minutos a 1 hora, com uma pergunta norteadora e o surgimento de novas perguntas conforme houvesse necessidade. Participaram dezesseis mães graduandas, sendo utilizados como critérios de inclusão: mulheres que experienciaram/experienciam maternidade desde a gravidez até dois anos de idade do filho durante o período em que estão realizando a graduação, e critério de exclusão: acadêmicas de cursos virtuais; estar

cursando a primeira fase da graduação. A seleção foi ao acaso e por indicação de professores, coordenadores e colegas da Universidade.

Após a coleta dos dados as entrevistas foram transcritas e analisadas, sendo codificadas e os códigos agrupados por afinidade em categorias. A análise dos dados se deu a partir do referencial metodológico da fenomenologia que permitiu às pesquisadoras terem um tratamento do fenômeno em questão realizando sua descrição, que teve o objetivo de acessar a consciência da pessoa e apreender. Esse método tem a intenção de pensar o ser-mãe, trazendo uma perspectiva de reflexão sobre as coisas, aproximando-se do fenômeno, como forma de compreender as experiências do ser no mundo. Dessa forma, para a interpretação dos relatos, foi necessário ter um contato com o fenômeno, no caso, a mãe universitária, utilizando o método hermenêutico, aproximando-se da acadêmica a partir da entrevista, a descrição das experiências, a sua leitura e descrição, compreendendo e interpretando de fato o dado fenômeno (HEIDEGGER, 2002).

O estudo foi aprovado pelo comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina, com o parecer consubstanciado CAAE 81390617.5.000000.5369 e respeitou os aspectos éticos da resolução n.466/2012 (BRASIL, 2012). As mães foram identificadas através de codinomes de super-heroínas, que se deu a partir da interpretação da fala de cada ser-mãe.

## **RESULTADOS**

As entrevistadas foram dezesseis mães graduandas, com faixa etária média de vinte e sete anos, cursando a graduação na UNISUL, quanto ao estado civil, onze eram casadas, duas eram solteiras, três eram divorciadas. Destas dezesseis mulheres, além de mães graduandas, seis também eram trabalhadoras/trabalharam durante um período. As participantes eram dos cursos de Enfermagem, Nutrição, Naturologia, Fisioterapia e Arquitetura.

A análise dos dados obtidos durante os encontros resultou do delineamento de três percepções-categóricas: “O fenômeno numa visão ontológica de como se dá o apoio e o (des)apoio do ser-mãe dos entes ao encontro do mundo”; “Percepção pura e penetrante do ente numa indiferença uniforme dos sentimentos do ser-mãe que se tornou consciente do

mundo”; e, “O desvelar governado e determinado pelo sentido do ser-mãe pelo seu ser da perspectiva hermenêutica em sua historicidade das fases da maternidade”.

## O FENÔMENO NUMA VISÃO ONTOLÓGICA DE COMO SE DÁ O APOIO E O (DES)APOIO DO SER-MÃE DOS ENTES AO ENCONTRO DO MUNDO

A categoria 1 originou duas subcategorias, a do apoio e a do (des)apoio ao ser-mãe. Dentro da subcategoria “Apoio ao ser-mãe” estão os códigos: o ser-mãe com parceria paterna; o ser-mãe com rede de apoio extra Universidade; o ser-mãe com redes de apoio dentro da Universidade; e, o ser-mãe dividindo os cuidados com a creche. Dentro da subcategoria do “(Des)apoio ao ser-mãe” estão os códigos: o ser-mãe sem rede de apoio extra Universidade e o ser-mãe sem rede de apoio dentro da Universidade.

No entanto, a partir da pergunta norteadora “Como foi sua a experiência de ser-mãe enquanto cursava/cursa a graduação?”, as participantes puderam expor suas vivências e seus desafios referente ao tema.

### **Apoio ao ser-mãe**

Nesta subcategoria foi revelado como se deu o apoio à estas mães graduandas dentro e fora da Universidade. O apoio extra Universidade, apresentaram-se como os tipos de apoio fundamentais para que estas mães graduandas pudessem comparecer às aulas, como por exemplo, quando os companheiros(os) puderam cuidar da criança em casa durante o horário de aula, ou até mesmo acompanhar a mãe e a criança dentro da instituição possibilitando o comparecimento da mãe à aula em conciliação com a amamentação, sem perder as aulas e atividades. Contudo, algumas entrevistadas tiveram também como apoio os seus pais, sogros, amigas e mães de amigas que deram suporte para que elas comparecessem às aulas e a outras atividades extracurriculares, porém, esse auxílio nem sempre era viável, tendo em vista os horários e compromissos daqueles que as ajudavam quando possível.

Vale ressaltar, que nem todas as mães graduandas que foram entrevistadas tiveram todos esses tipos de apoios, considerando que algumas moram/moravam sozinhas ou apenas com o parceiro, como também suas famílias residem em municípios distantes, recorrendo ao auxílio de babás ou creches, o que na opinião delas, foi essencial recorrer a

creches, mas que se tivessem mais apoio extra Universidade não precisariam, em função de serem muito novos e que gostariam de passar mais tempo assumindo o cuidado integral de seus filhos, aproveitando principalmente a primeira infância.

O outro tipo de rede de apoio foi dentro da Universidade, sendo os professores, colegas de classe e coordenadores do curso. Algumas destas mães levantaram que tinham apoio dentro da Universidade de coordenadores dos cursos que auxiliaram na hora de montar a grade curricular, definindo a melhor forma de continuar no semestre sem prejudicar o momento puerperal e o aleitamento materno usufruindo-se ou não da licença-maternidade. Tal como, as turmas com essas mães matriculadas foram organizadas preferencialmente com salas no andar térreo, para facilitar o acesso com materiais e carrinhos de bebê.

Foi relatado também, o auxílio de muitos professores que facilitaram a vinda destas mães na sala de aula, sendo acolhedores, compreensivos e possibilitando realizar trabalhos e provas em casa, da mesma forma que alguns professores aceitaram estas alunas como voluntárias para assistir algumas aulas aleatórias. Houve algumas entrevistadas que mencionaram a suma importância do amparo que tiveram de colegas de classe, que foram de grande auxílio, ajudando em trabalhos, provas e até mesmo tomando conta da criança na hora da mãe apresentar seminários.

Recentemente, em outubro de 2019, foi inaugurado a Sala de Apoio à Amamentação na instituição, que oferece ao ser-mãe graduanda um espaço privado para a amamentação ou para ordenha e armazenamento do leite materno. Entretanto, a maioria das universitárias ainda não conhecem esse benefício pela recente instalação, até o momento, apenas uma mãe entrevistada conseguiu usufruir deste benefício.

A rede de apoio evidenciada pelas mães graduandas pode ser observada através das citações selecionadas a seguir:

*[...] eu tenho muita força... se não fosse a minha rede de apoio seria impossível... Por exemplo, eu estou hoje aqui desde a uma hora da tarde, fazendo estágio e a aula à noite porque o meu marido está em casa com eles, né? [...]* (Starfire - 2 filhos).

*[...] E no meu primeiro semestre que ela era bem bebezinha, meu marido vinha junto e era muito legal... graças à ajuda assim que eu consegui [...]* (Wonder Woman - 1 filha).

*[...] eu estudo de madrugada ainda faço artesanato para vender para poder suprir a demanda de necessidades e isso então me apoia muito uma professora chegar e dizer: "Minha filha, você faltou à aula, mas você é estudiosa, eu sei*

*que você faltou você tava no hospital com seu filho, então eu vou te dar um trabalho que foi feito na aula para você fazer a tarde aqui na clínica e me trazer na próxima aula” [...] (Black Canary - 1 filho).*

### **(Des)apoio ao ser-mãe**

Nesta subcategoria foram evidenciadas a falta de apoio que estas mães enfrentam/enfrentaram ao conciliar o ser-mãe com a graduação. Entre as maneiras que representam a falta de apoio, considera-se desde ter pouco ou nenhum apoio extra Universidade, não ter alguém que pudesse cuidar da criança nos horários de aula, aos momentos de (des)apoio dentro da Universidade.

Dentro da Universidade, podemos citar professores que não quiseram receber a criança em horário de prova até reclamações da estrutura física da instituição, como a falta de trocadores e mais banheiros de família ao longo da Universidade e a falta principalmente de espaços mais confortáveis e reservados para o descanso e amamentação. As mães relataram o (des)apoio principalmente de professores homens, onde na opinião delas, alguns não compreendem o processo de gestação, como a necessidade constante de ir ao banheiro e fazer uma pausa quando se sentiam nauseadas. Ademais, houve relato de impedimento de uma das mães em verificar o celular para ter notícias do filho doente, bem como circunstâncias similares relacionadas ao filho, segundo esse relato, a mãe diz se sentir “traumatizada” por ter passado por essa situação constrangedora em sala. E vários outros relatos de (des)apoio demonstrados a seguir:

*[...] Não tinha quem me ajudasse ali... Alguns professores não entendem! Não sabem o que é isso! Já fui chamada atenção, por ir ao banheiro, já deixei de tomar água em sala... Parei de beber água na aula dele, ou eu tranco, porque eles não entendem nem isso! [...] (Batgirl - 2 filhos e gestante).*

*[...] mas naquela época eu percebi, meu Deus ninguém tá entendendo que eu não tenho com quem deixar ela?! E aí eu dei meus pulos, porque eu não tinha com quem deixar mesmo [...] (Ororo Munroe - 1 filha).*

*[...] Único lugar aqui na Universidade toda que tem um banheiro de família é no centro na praça da alimentação... Na Universidade mesmo não tem. Se você precisa vir com uma criança aqui, você tem que se virar porque [...] (Starfire - - 2 filhos).*

*[...] Mas já teve dias de como eu não ter ninguém pra ficar, tive que faltar aula pra ficar com ele... meu marido fazia faculdade... tinha dias que eu faltava aula, pra ele poder ir ou então ele faltava aula pra eu poder ir[...] (Invisible Woman - 1 filho).*

## PERCEPÇÃO PURA E PENETRANTE DO ENTE NUMA INDIFERENÇA UNIFORME DOS SENTIMENTOS DO SER-MÃE QUE SE TORNOU CONSCIENTE DO MUNDO

Dentro da categoria 2 foram evidenciados os seguintes códigos: o ser-mãe e seus problemas físicos e emocionais, desmotivações e sobrecargas; o ser-mãe e suas motivações, o ser-mãe graduanda e seus desafios, e, o ser-mãe e seus autocuidados.

As conversas revelam desafios da maternidade durante a graduação que, conseqüentemente resultaram na escolha entre a dedicação à maternidade ou a dedicação a vida acadêmica. Bem como, demonstraram sentimentos, situações e necessidade que ocasionaram o desenvolvimento de problemas físicos e psicoemocionais. Houve relatos em que estas mães não conseguiam realizar tudo, eram constantemente cobradas por estarem estudando, por passar tempo demais na Universidade, levando ao distanciamento do filho, pois quando chegam em casa ele já está dormindo e ressaltam como se sentiam/sentem sobrecarregadas ocorrendo até mesmo internações psiquiátricas decorrentes da sobrecarga do ser-mãe, graduanda, trabalhadora e dona de casa, correlacionando o (des)apoio em divisão de tarefas em casa, junto com o (des)apoio universitário, e com o acúmulo de tudo, ocasionando a exaustão física e emocional, conseqüentemente, gerando insônia, ansiedade, falta de concentração e até mesmo pondo em dúvida seu potencial como mãe.

Ao mesmo tempo que se sentem cobradas e cansadas, são motivadas a dar continuidade a formação acadêmica por pensarem no futuro de seus filhos, se sentem fortes e orgulhosas de suas decisões de dar continuidade ao curso mesmo diante de tantos desafios. Assim com evidenciados nas citações a seguir:

*[...] tive que assinar um termo de responsabilidade, porque eu tinha que ser internada para dormir! Precisei entrar de atestado por conta de estresse que eu passei na faculdade[...]* (Batgirl - 2 filhos e gestante).

*[...]Eu passei por uma internação psiquiátrica porque eu não dei conta de tudo, e aí eu passei o meio da faculdade de uma maneira um pouco menos intensa [...]. [...]Eu não dava conta de tudo, eu era constantemente cobrada porque eu era a mãe, eu que devia tá mais presente na vida deles e a sensação era essa, de impotência porque eu não dava conta e aí eu acabava migrando pra área que eu conseguia dar conta porque como a faculdade dependia só de mim eu me esforçava mais na faculdade e aí dentro de casa eu não conseguia ter essa divisão de tarefas [...]* (Supergirl - 2 filhos).

*[...] não é fácil, mas também é maravilhoso, porque quando a gente tá nesse processo a gente não liga, se tem mancha na cara, se essas manchas vieram com a gestação, se a barriga tá enorme, não, a barriga tá enorme pro nenê sentar em cima, tá ótimo, então quando a gente ama mesmo tudo é maravilhoso, e aí aos*

*pouco a gente vai se desprendendo e vai voltando a atenção para si[...] (Black Canary - 1 filho).*

## O DESVELAR GOVERNADO E DETERMINADO PELO SENTIDO DO SER-MÃE PELO SEU SER DA PERSPECTIVA HERMENÊUTICA EM SUA HISTORICIDADE DAS FASES DA MATERNIDADE

Dentro da categoria 3 foram evidenciados os seguintes códigos: o ser-mãe no período de gestação; o ser-mãe e o período de licença-maternidade; o ser-mãe no período pós licença-maternidade, e, o ser-mãe e a amamentação.

Esta categoria revelou as vivências e desafios dessas mães graduandas durante as fases da maternidade. Algumas mães relataram que no início da gestação foi tranquilo conciliar a gravidez com a graduação, porém, nas últimas semanas começaram a sentir os desconfortos. Algumas relataram que se sentiam muito cansadas para estudar e que a necessidade de dormir prejudicava muito o estudo em casa.

Algumas mães que tiveram seus filhos no início do semestre, usufruíram da licença-maternidade e logo após trancaram o semestre, pois precisavam de mais tempo em casa e tiveram outras, que mesmo em período de licença-maternidade compareceram às aulas, trazendo seus filhos para aula ou não.

Em relação ao momento pós licença-maternidade, onde estas mães trouxeram seus filhos a sala de aula para dar continuidade a amamentação, ficou claro que a amamentação em sala não foi problema, pois foram bem recebidas. Em contrapartida, relataram que se tivesse um espaço família na instituição em que pudesse acolher estas mães com suas crianças, companheiros ou babás em horários de aula, as mesmas se sentiriam mais confortáveis e mais seguras para prestar atenção na aula, sem se preocupar tanto com a situação, pois houveram relatos que o companheiro compareceu à Universidade junto com a mãe e a criança para favorecer a amamentação e tiveram que aguardar no corredor frio no lado de fora da sala.

Referente ao estudo e realização de atividades extra Universidade, relataram que muitas vezes estudavam para provas ou faziam seus trabalhos nos momentos de sono do bebê e durante a madrugada, uma mãe relatou que muitas vezes, após passar a madrugada estudando, recorria ao uso de cafeína para dar conta dos seus afazeres ao decorrer do dia. Muitas disseram que quando tiveram apoio extra Universitário e que puderam ir para a aula sem precisar levar as crianças, conseguiram dedicar o máximo da atenção que podiam

durante a aula, pois, ali era o único momento que podiam se dedicar inteiramente a faculdade. Conforme podemos observar nos relatos a seguir:

*[...] eu tento não faltar às aulas. Para poder captar tudo na hora da aula, porque tempo para estudar, realmente eu não tenho muito... Daí você fica a madrugada estudando, só que no outro dia ela acorda cedo. E assim, você tem que estar acordada (risos), então tem dias que são assim bem cansativos [...]* (She-Hulk – 1 filha).

*[...] agora que ela vem direto comigo, porque se eu não trouxer não tem como vir pra aula, não tem com quem deixar, com quem eu deixo é um favor que elas fazem pra mim, porque depende do horário delas, quando elas podem me ajudar [...]* (Ororo Munroe – 1 filha)

*[...] Mas eu estou de licença-maternidade, eu venho pra aula porque eu quero, por isso que todos os professores já estão cientes, né! Eu só estudo. [...]* (Black Widow – 1 filhos)

*[...] Por que no inverno é frio pra ficar nos corredores? Então isso me doía, sabe?! Tinha que ficar nos corredores com frio porque eu optei em dar mamã pro meu filho até os dois anos de idade [...]* (Black Canary - 1 filho).

## **DISCUSSÃO DOS DADOS**

O fenômeno numa visão ontológica de como se dá o apoio e o (des)apoio do ser-mãe, dos entes ao encontro do mundo, revelou o ser-mãe que vivenciou ou vivencia a maternidade durante a graduação, o modo como elas se insurgem através de suas falas, que está diretamente associada à relação entre o ser e os entes, apresentado na primeira categoria deste estudo. Cada uma dessas mães traz consigo e para o espaço acadêmico expectativas, inseguranças e contribuições que precisam ser ouvidas para que as políticas planejadas para as Universidades contemplem a diversidade que ela abriga, sem calar discursos, saberes e histórias (ROSA et al., 2018).

Estes são diferenciados pela exploração do ser e ente, sendo determinado ser para ser dentro do universo de rede de apoio dentro e fora da Universidade. Sendo assim, esta pesquisa evidenciou a fundamental importância deste encontro e os prejuízos causados pelos (des)encontro, principalmente o sentimento de culpa e exaustão amplamente visíveis ao tentar conciliar atividades acadêmicas e o exercício da maternidade. Corroborando com outro estudo que refere que como se essa sobrecarga não bastasse, muitas mulheres que optaram por conciliar carreira e maternidade experimentam ainda o sentimento de culpa em relação a sua ausência nas atividades que envolvem cuidados com o filho e o lar. Porém, quando a mulher engravida durante o período universitário, são geradas também

perspectivas e desafios a serem enfrentados. Isso ocorre porque a maternidade não se resume somente a uma gestação (ROSA et al., 2018).

O apoio tornou a relação que se deu entre o binômio mãe-filho a oportunidade de vivenciar mesmo que de maneira ainda difícil, deu suporte físico e emocional, trazendo estabilidade para prosseguir com a graduação tornando o pensamento exposto de reconhecimento e agradecimento. Em consonância com este estudo, Vieira (2018) relata que em meio a tantas mudanças que essas jovens enfrentam com a chegada de um filho, o apoio da família é primordial para que esse momento de adaptações seja vivenciado com mais facilidade. Na maioria dos casos quando a jovem decide levar adiante a gravidez é na família que encontra o apoio principal, por meio do auxílio no cuidado com a grávida, e depois com o bebê, sendo em muitos casos também a família a principal responsável pelo suporte emocional e financeiro. Na volta à rotina da Universidade, geralmente é algum membro da família (avós, pais, tios), principalmente as avós, que cuidam da criança para que a mãe estudante consiga dar continuidade aos estudos. O apoio da rede social também é importante na manutenção da saúde mental e enfrentamento das situações estressantes como as fases de transição após o nascimento do bebê (PRIMO et al., 2015).

O (des)apoio revelado neste estudo trouxe insegurança em relação ao futuro, os possíveis acontecimentos desfavoráveis em relação à vida acadêmica e futuro profissional, transcende uma relação de culpa. Ceribeli (2017) perceberam, desta forma, que, mesmo que a mulher tenha conquistado mais espaço em diferentes dimensões de sua vida, permanece o discurso social dominante que associa a identidade feminina à maternidade, sendo papel dela cuidar e educar os filhos, abdicando, se necessário, de sua carreira e dos cuidados consigo mesma.

Na categoria da percepção pura e penetrante do ente numa indiferença uniforme dos sentimentos do ser-mãe que se tornou consciente do mundo, o ser apresentado não pode ser definido em sua forma de vivenciar suas relações, mas o seu ente pode reconhecer sua forma, fazendo com que seus sentimentos relatados através da fala ressurgissem da própria existência desse ser diante do mundo.

O estudo compreendeu como o ser-mãe se dá no mundo, demonstrando seus anseios e pensamentos profundos, que emergiu em desmotivações e sobrecargas quando se sentem autocobradas por não estarem disponibilizando a atenção adequada para seus filhos pelo curto período de tempo que passam com eles ou quando precisam colocar a Universidade como prioridade para poderem conciliarem os cuidados de seus filhos,

levando a problemas físicos e emocionais. Conforme Vieira (2018), as mulheres, por terem que deixar a sua vida de lado e se voltar completamente para o cuidado com o filho; com o ganho abrupto de responsabilidade, que passa a ser mais exigida; e adiamento do curso, porque muitas vezes é necessário adiar algumas disciplinas em função do nascimento do filho e nem sempre essas estudantes conseguem voltar a estudar, o que pode resultar em evasão universitária.

Tanto as manifestações psicoemocionais decorrentes das sobrecargas quanto os desafios do ser-mãe universitária e trabalhadora, chegaram a levar de sintomas leves de depressão até o extremo através de relato de internação psiquiátrica. Bem como o acúmulo de tarefas ocasionando a exaustão física e emocional, conseqüentemente gerando ansiedade, insônia e falta de concentração.

Segundo Vieira (2018), fica evidente que a autocobrança por parte das mães universitárias é sem dúvida um dos principais desafios dessas mulheres, visto que além do papel de mãe e estudante, ainda têm que administrar a culpa gerada em ter que “deixar” os filhos para estudar. Levando estas mães não somente à dúvida de seu potencial como mãe, mas também à dúvida em relação a busca da realização profissional, onde não conseguem dar total atenção a suas tarefas universitárias, levando a desmotivação e dúvidas do curso de graduação escolhido.

Segundo Cardoso e Vivian (2017), a relação mãe-filho é de uma particularidade ímpar. De um lado, um sujeito em estado de imaturidade, que o faz totalmente dependente dos cuidados de um outro nos primeiros tempos de vida. De outro, alguém que exerce a função de mãe. Uma mulher não se configura primordialmente como mãe, a função materna é um processo de construção, ou seja, fundamentalmente efeito de uma operação psíquica.

Essa operação psíquica, segundo esta pesquisa, é fomentada pelo desejo do ser-mãe e ao mesmo tempo buscar uma formação profissional, conciliando o ser mulher, mãe e estudante, enfrentando esta jornada, muitas vezes abrindo mão de seus autocuidados de ser mulher e de sua saúde e se colocando diariamente na posição de ter que escolher entre a dedicação ao filho ou a graduação.

É comum que as mulheres tenham que lidar com o dilema existente entre a carreira e a maternidade. Abdicar do trabalho remunerado e se dedicar integralmente à maternidade ou conciliar ambos é uma decisão difícil, que traz conseqüências duradouras e significativas para a vida da mulher (CERIBELI; SILVA, 2017).

Portanto, se faz evidente que estas mães buscam forças e motivações para dar continuidade a graduação, não somente na vontade de ter uma formação profissional, mas também na vontade de proporcionar a seus filhos uma boa vida, com boa alimentação e boa educação.

O desvelar governado e determinado pelo sentido do ser-mãe pelo seu ser da perspectiva hermenêutica das fases da maternidade, terceira categoria desta pesquisa, iluminou os diferentes sentidos do ser e o modo como se dá em uma análise de sua historicidade de forma única nos diferentes e similares períodos. Segundo Silva (2018) e colaboradores, o período da gravidez é considerado para muitas mulheres um momento especial, mas nem todas têm o mesmo pensamento. Para algumas gestantes, esta fase da vida pode gerar sentimentos não positivos, e para isso é necessário considerar que existem inter-relações entre transformações gestacionais, autoimagem e autoestima feminina (SILVA et al., 2018).

O ser-mãe no período da gestação demonstrou experiências significativas para as mulheres, tal qual para algumas influenciou na dedicação maior a faculdade, por saber que agora carregavam não só a responsabilidade de ter uma graduação, mas a expectativa de um futuro inserido no mercado de trabalho, com o objetivo de suprir as necessidades de um novo ser que surgiria. Evidencia-se, através do estudo de Prates e Gonçalves, que há uma série de concepções a respeito da realidade de mulheres que se tornaram mães durante a educação superior, sinalizando que a ideia de ser mãe universitária não é tão simples, pois existem diversas circunstâncias que tornam a vida dessas mulheres mais desafiadoras e acumuladas de atribuições. (PRATES; GONÇALVES, 2019)

Todavia, todo esse esforço, vivência e expectativas do ser-mãe demonstrou que a maternidade é uma experiência única na vida de qualquer mulher. Para Prates e Gonçalves (2019), o grande desafio para as mulheres que se tornam mães durante a sua graduação é conciliar a maternidade e a vida acadêmica. No caso das mães que desempenham outras atividades sociais, como de estudantes ou profissionais, elas precisam aprender a conviver com uma nova realidade que antes desconheciam.

Conciliar as demandas acadêmicas e a preparação necessária que envolve a chegada do bebê são desafios diários para uma mãe universitária. Para Reis (2017), ainda que a gravidez ocorra dentro do corpo da mulher, as responsabilidades e os significados são construídos dentro do âmbito social em que a gestante está inserida. A Universidade, por

sua vez, tem papel ponderoso e de extrema importância no percurso da busca pela ascensão pessoal e profissional da mulher, tornando-se um suporte para alcance do objetivo.

O ser mãe e o período de licença-maternidade, demonstrou que o fenômeno em si tinha apoio universitário em relação a própria lei. No Brasil, a lei que assegura os direitos da estudante grávida é a de nº 6.202, sancionada em 17 de abril de 1975, que “atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares, instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências” (BRASIL, 1975).

Contudo, evidencia-se que esse período de afastamento das aulas presenciais acarreta dificuldades de compreensão e assimilação de conteúdos acadêmicos principalmente devido aos contratempos gerados pela maternidade. Para Soares e colaboradores (2017), existem muitas dificuldades vivenciadas pelas mães estudantes que ficam acumuladas de funções, por ter que conciliar a educação superior com a maternidade. Além disso, existe o desafio de ter que realizar as atividades acadêmicas em casa, cuidar do bebê e desempenhar outras atividades domésticas ao mesmo tempo.

Segundo Prates e Gonçalves (2019), após esse período de afastamento e a nova função de ser mãe acadêmica, as alunas encontram dificuldade de compreender os saberes universitários que foram ensinados presencialmente por seus professores, ou seja, o nível do rendimento escolar acaba sendo inferior quanto a aprendizagem com relação aos conteúdos que se apresentam.

Outro estudo revela que os desafios na experiência do aleitamento materno envolvem carga horária excessiva e horários rígidos para o desenvolvimento das atividades acadêmicas, além da falta de um ambiente adequado para a realização do aleitamento materno na instituição de ensino (SOARES et al., 2017).

Tendo em mente que se revelou que muitas delas, devido ao acúmulo de novas funções como mãe acadêmica, tempo pelo qual vivenciavam, não conseguiram se relacionar com os mentores prejudicando o segmento universitário. Muitas delas por temerem um possível prejuízo abriram mão de seus direitos, preferindo não desfrutar da licença-maternidade. Corroborando com o estudo de Soares et al., que revelou sob o aspecto sociocultural, que a mulher contemporânea se insere cada vez mais no mercado de trabalho formal ou informal e investe em sua formação profissional, o que se tornou um fator associado ao desmame precoce (SOARES et al., 2017).

O ser-mãe no período pós-licença-maternidade evidencia a necessidade que o binômio tende a permanecer juntos, são diversos hormônios agindo concomitantemente ao

mesmo tempo que existe a responsabilidade em relação ao futuro profissional após o término do curso. Conforme Prates e Gonçalves (2019), a maternidade pode ser entendida como um conflito para as mulheres modernas que pretendem estudar e investir na carreira profissional.

Fazendo parte da ação fisiológica, o aleitamento materno surge como consequente preocupação após o nascimento do bebê. A OPAS/OMS (2018) recomenda iniciar a amamentação nos primeiros 60 minutos de vida, assim como o aleitamento materno como forma exclusiva de alimentação até os seis meses de idade e, de maneira complementar, até os dois anos. Para suprir esta recomendação as participantes deste estudo revelaram um déficit do apoio institucional até o momento em que foi implantada a sala de apoio à amamentação na Universidade, fato sucedido recentemente, resultando no desmame precoce.

Essa questão revela que na prática, a amamentação não é instintiva nem automática, é uma ação que está fundamentada na subjetividade e na vivência das mulheres, sendo condicionada pelas relações estabelecidas com os membros da rede social das mesmas (SOUZA et al., 2016).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo que teve como objetivo “Desvelar, a luz do pensamento humanístico de Martin Heidegger, a experiência do ser-mãe durante o processo de graduação em uma Universidade do Sul do Brasil”, refletindo que a rede apoio dentro e fora da Universidade se faz essencial para a manutenção da jornada maternidade versus estudos. Esta rede de apoio dentro da Universidade depende especificamente do total apoio dos coordenadores dos cursos, dos professores, dos colegas de graduação, para que o ser-mãe conquiste seu diploma e supere os desafios que surgem em cada fase da maternidade.

A pesquisa também revela que a Universidade possui a necessidade de suporte físico para receber mães graduandas, a saber, mecanismos institucionais de apoio à mãe estudante e também às suas funcionárias e professoras. Tal como a necessidade de uma sala de apoio aos cuidados básicos do bebê, uma creche ou um berçário dentro da instituição, para que as mães se sintam seguras e tranquilas estando próximas a seus filhos.

A graduação não é um percurso fácil, ao contrário, perpassa por momentos de dificuldades em diversos sentidos, dos quais infelizmente, nem todas que desejam conseguem alcançar o objetivo. As dificuldades em conciliar a maternidade versus a graduação são constantes, diante desta vivência de conflitos pessoais e interpessoais, contudo, ainda é possível encontrar satisfação durante e ao completar esta jornada.

Dentre uma das limitações deste estudo podemos destacar que a maioria das entrevistadas foram da área da saúde, onde coexistem profissionais que estão mais preparados para acolher as mulheres durante o período da maternidade, além de apresentar o maior número de professoras mulheres, no qual compreendemos que teria um melhor entendimento das necessidades das mães. Sendo assim, sugerimos novos estudos que abranjam outros tipos de cursos dentro das Universidades.

Ademais, se faz necessária a reflexão sobre a adoção de práticas e políticas organizacionais, escritas e oficializadas para a implantação de berçários, creches e banheiros família com fraldário, além de sensibilização para a conciliação de redes de apoio dentro das Universidades que favoreçam todos os períodos da maternidade, desde a gestação até à amamentação.

## REFERÊNCIAS

- BADINTER, E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. **Um é o outro**, v. 3, 2008. Disponível em: <[http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20\(pdf\)%20\(rev\).pdf](http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf)>. Acesso em: 05 set. 2017.
- BRASIL. **Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975, Decreto-lei nº 1.044**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 1975. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/1970-1979/L6202.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1970-1979/L6202.htm)>. Acesso em: 26 set. 2017.
- \_\_\_\_\_. **Resolução 466/2012**. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde (CNS), criada por meio da resolução 466/2012, com a função de implementar normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>> Acesso em: 19 nov. 2019.
- CARDOSO, Ana Carolina Alifantis; VIVIAN, Aline Groff. Maternidade e suas vicissitudes: a importância do apoio social no desenvolvimento da díade mãe-bebê. **Diaphora**, v. 17, n. 1, p. 43, 2018. Disponível em: <<http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/134/139>> Acesso em: 18 nov. 2019
- CERIBELI, Harrison Bachion; SILVA, Edlane Regis. Interrupção voluntária da carreira em prol da maternidade. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 11, n. 5, p. 116-139, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4417/441753779008.pdf>> Acesso em: 17 nov. 2019
- CORREIA, Maria de Jesus. Sobre a maternidade. **Análise psicológica**, v. 16, n. 3, p. 365-371, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v16n3/v16n3a02.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2017.
- FIGUEIREDO, Natália Gomes Silva; SALLES, Denise Medeiros Ribeiro. Educação profissional e evasão escolar em contexto: motivos e reflexões. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 25, n. 95, p. 356-392, 2017.
- GRADVOHL, Silvia MayuMi Obana et al. Stress Of Men And Women Seeking Treatment For Infertility. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 35, n. 6, p. 255-261, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0100-72032013000600004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-72032013000600004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 05 set. 2017.
- HEIDEGGER, Martin. **A teoria platônica da verdade**. Marcas do caminho, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Ser e tempo: pensamento humano**. Parte II, v. 9, 2002.

MALHOTRA, Anju; SCHULER, Sidney Ruth; BOENDER, Carol. Measuring women's empowerment as a variable in international development. In: **background paper prepared for the World Bank Workshop on Poverty and Gender: New Perspectives**. 2002. Disponível

em: <<http://siteresources.worldbank.org/INTEMPowerment/Resources/486312-1095970750368/529763-1095970803335/malhotra.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2017.

NUNES, Benedito. **Heidegger & ser e tempo**. Zahar, 2002.

OPAS/OMS. **Amamentação não é responsabilidade exclusiva da mãe, 2017**

Disponível em:

<[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5471:amamentacao-nao-e-responsabilidade-exclusiva-da-mae-defende-opas-oms&Itemid=820](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5471:amamentacao-nao-e-responsabilidade-exclusiva-da-mae-defende-opas-oms&Itemid=820)>. Acesso em: 28 set. 2017.

\_\_\_\_\_. **Aleitamento materno nos primeiros anos de vida, 2018**. Disponível em:

<[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5729:aleitamento-materno-nos-primeiros-anos-de-vida-salvaria-mais-de-820-mil-criancas-menores-de-cinco-anos-em-todo-o-mundo&Itemid=820](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5729:aleitamento-materno-nos-primeiros-anos-de-vida-salvaria-mais-de-820-mil-criancas-menores-de-cinco-anos-em-todo-o-mundo&Itemid=820)> Acesso em: 19 nov. 2019.

PRATES, Solange Riato; GONÇALVES, Josiane Peres. Educação superior e relações de gênero: atividades domiciliares para mães estudantes de pedagogia. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 5, p. e019030-e019030, 2019. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8653753>> Acesso em: 17 nov. 2019.

PRIMO, Cândida Caniçali et al. Redes sociais que apoiam a mulher durante a amamentação. **Cogitare Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. 426-433, 2015. Disponível em:

<<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/37453/25554>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

REIS, Stefani Angeles Souza. **Ser mãe na universidade**: uma análise da percepção de alunas gestantes e nutrizas acerca das políticas de assistência social de uma IFES. 2017. Disponível em <

[https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/590/1/MONOGRAFIA\\_PercepçãoGestantesUniversidade.pdf](https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/590/1/MONOGRAFIA_PercepçãoGestantesUniversidade.pdf)> Acesso em: 19 nov. 2019.

REUSCH, Patricia Thomas; SCHWINN, Simone Andrea. **NOVAS TECNOLOGIAS E TRABALHO: O TRABALHO FEMININO E O DIREITO À DESCONEXÃO**. Seminário Internacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea, 2015. Disponível

em: <<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/13172>>. Acesso em: 05 set. 2017.

ROSA, Jaqueline Maciel Toniolo da et al. Vivências de mulheres que se tornam mães no contexto acadêmico. **Disciplinarum Scientia Saúde**, v. 19, n. 2, p. 161-167, 2018.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/2501>> Acesso em: 19 nov. 2019

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 5, p. 47-59, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v5n8/04.pdf>> Acesso em: 05 set. 2017.

SEIBT, Cezar Luís. Considerações sobre a fenomenologia hermenêutica de Heidegger. **Revista do NUFEN**, v. 10, n. 1, p. 126-145, 2018. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912018000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912018000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 20 nov. 2018.

SILVA, Jadelma Ezequiel da et al. Mudanças na vida e no corpo da mulher durante a gravidez. **Anais**, 2018. Disponível em: <[https://www.mastereditora.com.br/periodico/20190607\\_200629.pdf](https://www.mastereditora.com.br/periodico/20190607_200629.pdf)> Acesso em: 17 nov. 2019.

SOARES, Lorena Sousa et al. Vivência de mães na conciliação entre alegação materna e estudos universitários. **Avanços em Enfermagem**, v. 35, n. 3, p. 284-292, 2017. Disponível em: <[https://ufpi.br/arquivos\\_download/arquivos/Parnaiba/Artigo\\_publicado\\_Avances\\_amamentação.pdf](https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/Parnaiba/Artigo_publicado_Avances_amamentação.pdf)> Acesso em: 19 nov. 2019

SOUZA, Maria Helena do Nascimento; NESPOLI, Antonella; ZEITOUNE, Regina Célia Gollner. Influência da rede social no processo de amamentação: um estudo fenomenológico. **Escola Anna Nery**, v. 20, n. 4, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452016000400224](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000400224)> Acesso em: 19 nov. 2019

VIEIRA, Ailane Costa et al. **Vivências da maternidade durante a graduação: uma revisão sistemática**. 2018. Disponível em: <[https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/1080/1/TCC\\_VivenciasMaternidadeGraduação.pdf](https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/1080/1/TCC_VivenciasMaternidadeGraduação.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2019.

WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. 2000. Disponível em: <<https://psicologiadoespirito.files.wordpress.com/2017/01/winnicott-d-w-da-pediatria-a-psicanálise.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2017.